O imaginário na reprodução da natureza no espaço urbano: Parques Vaca Brava e Flamboyant¹

The imaginary in the reproduction of nature in urban space: Vaca Brava and Flamboyant parks.

Maria de Lourdes Corsino Peres | lourdinhaperes@yahoo.com.br
Mestranda em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da PUC-Goiás.

Ycarim Melgaço Barbosa
Professor adjunto I da PUC-Goiás e orientador da pesquisa. Doutor em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo

Resumo

Esta pesquisa busca compreender as relações entre imaginário, paisagem e urbanização, tendo como objeto de estudo dois parques municipais de Goiânia: o Vaca Brava e o Flamboyant. Os parques urbanos são fenômenos que vêm aumentando no mundo, em Goiânia foram criadas mais de 20 unidades nos últimos dez anos e hoje a criação dos mesmos já aparece como parâmetro urbanístico. A escolha dos dois parques tem como fundamento a reprodução da natureza no espaço urbano ao serem transformados em mercadoria no intuito de contemplação; a busca do bucólico, do verde, da água, para agregar valor a imóveis de luxo erguidos nas suas margens por grandes empreiteiras. A pesquisa tem como base teórica Bachelard, Durant e Baudrillard.
Palavras-chave: parques urbanos; imaginário; paisagem; urbanização.

Abstract

This research seeks to understand the relationship between imaginary, landscape and urbanization, having as the object of study two city parks in Goiânia: the Vaca Brava and Flamboyant. Urban parks are phenomena that are increasing worldwide, in Goiania were created more than 20 units in the last ten years and today their creation already appears as an urban parameter. The choice of the two parks is based on the reproduction of nature in urban space when transformed into a commodity for the purpose of contemplation, the search for the bucolic, green, water, to add value to luxury estates built on its banks by large contractors. The research has Bachelard, Durant and Baudrillard as its theoretical basis.

Keywords: urban parks; imaginary; landscape; urbanization.

INTRODUÇÃO

A escolha dos parques em estudo motiva-se pela semelhança não só em seus processos de institucionalização, como também de ocupação e valorização imobiliária. Para se ter uma ideia dessa valorização, segundo informações do Sinduscon (Sindicato da Construção Civil), o metro quadrado em torno do parque Flamboyant, em cinco anos, sofreu um aumento de 6.666% (seis mil seiscentos e sessenta e seis por cento). Há pessoas que dizem que com a institucionalização dos parques, o mercado imobiliário tem percebido nos mesmos um acréscimo, na forma de valor agregado, aos seus empreendimentos. Pela velocidade de verticalização em seus entornos, pode-se dizer que estão reproduzindo esses espaços em série por todas as áreas nobres da cidade com nascentes, tendo como hipótese a instituição desse modelo de ocupação desses espaços como uma tendência em Goiânia, pois anteriormente temos o Bosques dos Buritis e o Parque Zoológico e posteriormente temos a transformação do Parque Areião, já com vários projetos de verticalização em andamento. Ou seja, o mercado imobiliário tem se utilizado dessa tendência de valorização para promover a densidade demográfica em torno destes espaços.

Seria um novo modelo de urbanização em pequenas escalas, que podemos chamar de icônica ou é a ecologização social, associada às ideias de lazer e esportes, ou é o sentimento de apropriação desses espaços públicos como extensão dos arranha-céus em seus entornos, ou ainda têm nesses espaços como paisagens a serem contempladas? É o que tentaremos responder em seguida.

Entende-se que o nosso trabalho está associado concomitantemente à criação de imaginários que determinam interesses sobre uma ideologia, como forma de apropriar e reapropriar a natureza no que tem representado os parques ora em estudo. Ainda através do trajeto antropológico de Durant na compreensão das dinâmicas de construção de espaços urbanos, e tendo como pano de fundo a modificação da paisagem, e buscando perceber com isso que os valores, o discurso narrativo, as representações e as imagens vinculadas ao imaginário podem constituir verdades nem sempre fundamentadas no real físico e histórico, esse modelo aparece como legitimadoras de determinados interesses ideológicos. O desenvolvimento do modo de produção capitalista e os fetiches são incorporados com o intuito de agregar valor ao produto, sendo que os parques Vaca Brava e Flamboyant constituem bons exemplos, uma vez que a ideia incorporada de natureza faz parte do imaginário. A natureza é reproduzida aonde o capital instala-se, nesse caso nos parques citados.

Essa forma de apropriar-se da natureza como valor agregado em espaço urbano vem da concepção urbanística de “cidade jardim” e do “modelo racionalista francês”, na própria concepção da nova capital Goiânia, segundo seu primeiro plano urbanístico de desenvolvimento - as áreas verdes que Atílio Corrêa Lima² (1937, p. 8) destinou à cidade correspondiam a 14% de toda a área urbanizada, estabelecendo uma relação entre área verde por habitante;

ainda para Atílio Corrêa Lima (Op. cit.) Goiânia, a nova capital de Goiás, desenvolveu o tema das áreas livres e do sistema de parques dentro do critério moderno que manda prover as cidades de áreas livres plantadas a fim de permitir que o ambiente seja beneficiado por essas reservas de oxigênio, “procuramos proporcionar à cidade o máximo que nos foi possível de espaços livres”. (LIMA, 1937, p. 146).

Assim esse simbolismo estará presente também no traçado que previa 50 metros de preservação de cada lado dos cursos d’água e 100 metros de preservação para as nascentes, que posteriormente seriam transformados em parques de recreação e parques lineares. No entanto, os fundos de vales e matas ciliares não foram preservados como eram garantidos no plano original, que foram ocupados ao longo dos cursos d’água por moradores considerados com bons rendimentos, mas os parques urbanos que se formaram em cima das nascentes vêm cumprindo o papel imaginário de cidade sustentável.

O NATURAL E O SOCIAL NO ESPAÇO URBANO

Para Maffesoli (2005 p. 258), “a conjunção do natural e do social corre o risco de ser um dos sinais distintivos da pós-modernidade”. Para ele, está havendo uma ecologização do mundo social, pois a natureza não é mais considerada como um objeto a explorar, mas inscreve-se, cada vez mais, num processo de parceria em que pela nova cultura há um processo em curso de religação à natureza. Contudo, basta observar as imagens e as paisagens vinculadas à mídia por um lado e, por outro, a importância que vêm assumindo temas como o espaço, o território, a urbanidade, o localismo nos debates contemporâneos que formam assim um tipo de imaginário coletivo da natureza.

A natureza nos ensina a trabalhar com elementos diversos que adaptam-se de acordo com cada lugar e suas respectivas características geográficas (clima, hidrografia, geomorfologia, ecossistemas, meio ambiente). Dessa maneira, percebemos que as modificações da paisagem estão diretamente relacionadas com sua localização, caracterizando-se assim uma impressionante adequação da natureza ao longo de milhões de anos e que, devido às condições de cada região, reagem de maneiras diferentes às ações antrópicas.

Desde os Jardins Suspensos da Babilônia, que foram construídos no reinado de Nabucodonosor II, considerados uma das sete maravilhas do mundo antigo, marca no inconsciente coletivo uma ligação imaginária da natureza desde a antiguidade. Para Pires (2008, p.141), Goiânia foi concebida como tipo urbano de Cidade Jardim de Howard³; para ele, Goiânia caminha para o mesmo fim dos Jardins Suspensos da Babilônia pelo próprio modelo urbanístico e a escolha do sítio original onde estabeleceu a cidade dos goianienses. Os recursos naturais - água limpa, ar puro, ilhas de frescor, estética e plástica esverdeadas da paisagem, espelhos d’água dos mananciais, tranquilidade, sossego, e outros proporcionam benefícios que melhoram a qualidade de vida

urbana, no entanto por varias razões, estes benefícios são apropriados por uma elite privilegiada. É neste sentido que está explícito uma certa privatização da natureza no meio urbano, ou seja, a apropriação da natureza em espaço urbano, especificamente nos grandes centros urbanos, é algo muito dispendioso, pois envolve disponibilidade de espaço - terreno, infraestrutura, serviços especializados etc, restando para a maioria desprivilegiada apenas a socialização dos aspectos negativos da urbanização:– poluição, paisagem impactante do concreto e do asfalto, ilhas de calor, intranquilidade, insegurança e agitação.

Para Daher (2003 p. 118), Goiânia foi concebida pelo modelo francês, também chamado de racionalista, o qual pressupunha que a cidade deveria ser racional, um espaço capaz de, por um lado, satisfazer as necessidades de uma sociedade industrial de distribuição e consumo e por outro, promover a higiene, a beleza e o conforto. A cidade tinha o traçado urbano radiocêntrico com grandes bulevares e vias de comunicações orientadas para norte-sul e leste-oeste, como garantia destas necessidades.

Para Choay (1979 p. 324), “desde a origem do mundo até o século XV da era cristã inclusive, a arquitetura é o grande livro da humanidade, a expressão principal do homem em seus diversos estados de desenvolvimento, seja como força, seja como inteligência.”. Os principais representantes do modelo racionalista são: Georges Benoit-Lévy, Walter Gropius e Charles-Édouard Jeanneret (Chamado Lê Corbusier). Para este último, a densidade urbana era inevitável e via nos parques urbanos e áreas verdes a saída para a obtenção de ar e luz para as habitações verticais que deveriam contemplar janelas voltadas para estas áreas cobertas de relvas, áreas reservadas a jogos e a plantações, “[...] a natureza é de novo levada em consideração. A cidade, ao invés de tornar-se um pedregal impiedoso é concebida como um grande parque. A aglomeração urbana é tratada como cidade verde, os imóveis surgem na cidade por traz do rendado das árvores. Está assinado o pacto com a natureza.”.

A natureza ao impor-se como um referencial comum de uma sociedade, cuja relação é de aproximação e afastamento, necessariamente mítica, nos faz entrar em mundos imaginários que se transformam numa espécie de fundo comum do imaginário coletivo. Assim, podemos dizer que a valorização dos parques urbanos através de estratégias de planejamento e marketing incorpora essas novas realidades à reprodução do capital, regidas pelas leis de propriedade privada, além de apropriar-se de espaços públicos à sua lógica, produtora e indutora de necessidades, e disseminadora de imaginários como a concepção de lazer no espaço urbano, do tempo livre atrelada às áreas verdes e à qualidade de vida.

O produto deste processo seria a junção da ideia de consumo do lugar com a mascarada consciência ecológica em que podem usufruir principalmente aqueles que dispõem de uma elevada renda, como se pode constatar na hipervalorização imobiliária nas imediações dos parques urbanos como nos casos dos parques Flamboyant e Vaca Brava: introduzindo formas

modernas de dominação e técnicas de manipulação cultural e paisagísticas, por parte do poder público e dos agentes imobiliários, na tentativa de vender a imagem de uma cidade bem administrada e detentora de belezas naturais. Nesta concepção, a natureza enquanto mercadoria torna -se um diferencial de promoção de valor agregado, e segundo os discursos mais recorrentes, confere uma melhor qualidade de vida.

Assim como ao longo da própria história da arte, a evolução da paisagem marca as várias fases da nossa concepção da natureza: as imagens da paisagem, de seus homens e de sua cultura, sobrecarregadas pelos investimentos figurativos de capas imaginárias. Exemplo disso pode ser constatado pela campanha de um empreendimento em torno do Parque Flamboyant lançado pelo próprio empreendedor do bairro onde está localizado o parque: a empresa Flamboyant Urbanismo – lança o “Residencial Imperador do Parque”, onde todos os espaços são para o imperador inclusive o ‘parque que é “público”.

Figura 1 – outdoor do empreendimento Imperador do Parque

Um outro empreendimento - Edifício Magnific com slogan “magnífico é ter vista permanente para o mais bonito e aconchegante parque da cidade.

Figura 02 – retirada do folder da Gafisa incorporadora e construtora

A paisagem é um modo de representação da natureza, construída no tempo e no espaço como resultante de relações sociais - é uma imagem cultural do espaço geográfico. Como símbolo espacial de um imaginário, a paisagem aponta para um *sentido*, mais que ao entorno. A paisagem é muito mais que o simples espaço exterior ao homem. Desde o Renascimento, foi entendida como criação racionalmente ordenada, ligada a uma maneira de harmonizar o mundo. Mais que um território que a natureza apresenta ao observador, é produto de uma maneira de ver o espaço externo - um cenário que supõe um espectador, um olhar particular sobre o mundo externo.

O morar passa pela busca das raízes da função morar, neste sentido Bachelard (1978, p.217) em sua análise do devaneio de primitividade do morar em uma cabana e os devaneios de intimidade, revela as relações de nosso interior e a materialização exterior, deixando percebermos que a imaginação aumenta os valores da realidade. Em suma, a paisagem é um relato, um desenho, uma representação, é o território recortado por uma “janela”, apreciado desde um ponto de vista singular - frequentemente esse ponto de vista é artístico, envolvendo uma série de técnicas particulares desenvolvidas para representá-lo e transformá-lo em imagem cultural pela atribuição de um significado. (FIGOLI, 2004, p.45).

A paisagem é um objeto vivo, um espaço dinâmico, que integra o corpo social e que faz parte da sua cultura, por isso, não pode ser descontextualizada, dependendo sempre do seu poder de sobrevivência. A paisagem, enquanto objeto conscientizado, não pode ser considerada e muito menos interpretada

como um processo à parte e distinto da apropriação útil e da relação vivencial que sustenta a vida do sujeito.

Um parque urbano proporciona a apropriação mais completa de uma paisagem que se oferece alcançar pela fruição direta e plena, que inspira a ideia para além da simples visão. Aquilo que na obra é autenticidade, na paisagem é naturalidade alcançada pela ideia arquitetônica. Como toda a obra de arte, as paisagens e, em particular, os parques urbanos preservam o sentido do Eu.

Até o século XVIII, os parques eram obras emblemáticas da aristocracia. No século XIX, surgem os parques urbanos como elemento de excelência da cidade burguesa, contudo, o príncipe Pückler concebia os seus parques particulares como espaços de liberdade abertos a todas as pessoas independentemente do seu estatuto social. A essência dos parques e, porventura, da própria paisagem como ideia do mundo é ser um espaço de acolhimento do Homem na sua condição singular e individual.

Não há contradição entre o parque e a cidade, são partes que se complementam, e não tem sentido justificar o parque como fator de compensação dos defeitos e abusos urbanísticos. Cada elemento do sistema urbano carece de uma avaliação própria.

PARQUE VACA BRAVA

Figura 3 Imagem em ortofoto do Parque Vaca Brava – Seplam 2006

Seu processo de formação teve início em 1985, quando foram lançadas, pelo Iplam (Instituto de Planejamento Municipal), as diretrizes para a canalização e urbanização do córrego Vaca Brava com a justificativa de que essas medidas trariam melhorias para a vida da população ribeirinha, o controle das inundações e a ocupação desordenada da área lindeira.

O córrego Vaca Brava é um afluente do córrego Cascavel, situado em região nobre da cidade, suas nascentes já estavam comprometidas pela rede de esgoto e erosão, nessa época já estava totalmente desmatada. Na Avenida T-09, o córrego já havia sido canalizado e desviado para a esquerda e só retornando ao leito natural próximo à Avenida T52 formando nesse ponto uma grande erosão. O processo de implantação e gerenciamento do Parque passa por quatro etapas distintas – criação, implantação, manutenção, usos e promoções; sua destinação justifica-se pelo fato de tratar de uma área com inúmeras nascentes “olhos d’água” que constituem as nascentes do córrego Vaca Brava.

1ª fase – Na sua concepção o termo de referência foi elaborado em 1994 pela arquiteta. Maria Amélia P. De Amorim que optou por algo simples que consistia em alguns caminhos internos, o lago e ampliação do calçamento externo combinado com as técnicas paisagísticas e reflorestamento. Essa fase foi concluída em 1996, ficando para uma próxima etapa os quiosques, lanchonetes e playground.

2ª fase – Essa fase foi marcada pela implantação dos seguintes equipamentos: estação de ginástica, pista de *cooper*, caminhos, reflorestamento, paisagismo e conclusão do lago.

3ª fase – Foram implantadas as obras de infraestrutura compostas pelos seguintes espaços: administração e segurança, sanitários, paisagismo da área voltada para Rua T15, instalação da tela de escoamento do lago.

4ª fase – Implantação das obras essenciais de apoio operacionais: ampliação dos números de bancos, bebedouros, lixeiras internas e externas, placas de sinalização, de identificação do parque e da vegetação, telefone público.

PARQUE FLAMBOYANT LOURIVAL LOUZA

Figura 4 Imagem em mapa urbano de Goiânia (versão 21) do Parque Flamboyant – Seplam 2006

O Parque Flamboyant Lourival Louza localiza-se na parte central do Jardim Goiás que após os anos de 1970, tendo sido esse loteamento aprovado em 1950, tornou-se mais urbanizado com a implantação de infraestrutura básica e a construção de grandes equipamentos de comércio e serviços.

Apesar de contar com grandes equipamentos públicos que exercem grande atração de pessoas, ainda é um bairro com baixa densidade. A partir dos anos de 1990, iniciaram-se a construção dos edifícios habitacionais, mas só nos últimos anos neste milênio podemos observar que o ritmo da verticalização está se acelerando. O entorno, contudo, ainda possui grandes espaços vazios. Por enquanto, o bairro vizinho Alto da Glória parece ser um grande canteiro de obras e deve ser adensado mais rapidamente que o Jardim Goiás, como podemos observar nas imagens abaixo

Figura 05 – Imagem da verticalização intensa do entorno do parque.

O Jardim Goiás é limitado pelo lado leste pela Rodovia BR-153, que liga ao sul Goiânia a São Paulo e ao norte a Anápolis e dessa cidade até Brasília pela Rodovia BR-060. Os bairros vizinhos do Jardim Goiás são em sentido horário começando: ao norte - Setor Leste Universitário e a leste - Jardim Novo Mundo, (Park Lozandes - Prefeitura de Goiânia), Chácaras Alto da Glória, Vila Alto da Glória, e ao sul: Bairro Alto da Glória; a oeste: Setor Pedro Ludovico e Setor Sul. Os bairros além da Rodovia BR-153 são caracterizados pela ocupação de moradores de classe baixa à média, enquanto, ao norte, sul e oeste há predominância social de classes média à alta.

Figura 06 – imagem de equipamentos esportivos no parque

CONCLUSÃO

A urbanização, o imaginário e a paisagem como instrumentos de análise têm nos possibilitado uma compreensão ampliada do processo de apropriação

e reprodução da natureza através dos parques urbanos, e tal forma de ocupação e urbanização das nascentes vem se configurado em modelo de urbanização, formando ilhas de desenvolvimento imobiliário em seus entornos.

Associados aos parques urbanos estão presentes a ideia de ar puro, preservação da natureza que por consequência leva a ideia de qualidade de vida, esses elementos na modernidade são fetichizados pela inseminação de imagens e imaginários, formando paisagens a serem contempladas, buscadas e desejadas.

NOTAS

¹Trabalho apresentado no Fórum Temático IX Terreno e Arquitetura, uma simbiose entre o ser e o mundo, evento componente do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - Congresso Internacional, outubro de 2008, Recife - PE.

²Arquiteto contratado (1933) pelo interventor Pedro Loudivico Teixeira, para elaboração do plano urbanístico da nova capital do Estado de Goiás – Goiânia.

³Para Ebenezer Howard, a cidade e o campo poderiam estar combinados juntos num mesmo espaço, dado a benefícios de ambos. Para ele a cidade é o símbolo da sociedade e o campo o símbolo do amor e da união do homem com a natureza e com Deus. Sua concepção estava direcionada à felicidade do homem e não a satisfação do capital, ao contrário, a Cidade Jardim está ligada à ideia de socialismo e comunismo, a uma vida menos racional e mais orgânica, natural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não: O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

DINIZ, A. Maria. *Goiânia de Atilio Correia Lima (1932-1935): ideal estético e realidade política*. 2007. 239f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica: Perspectivas do Homem*. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *O imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

FIGOLI, Leonardo H. A paisagem como dimensão simbólica do espaço. In: *Ciclo de Estudos sobre o Imaginário*, 12, 2004.

LIMA A.C. Goiânia, a nova capital de Goiás. *Arquitetura e Urbanismo*, Rio de Janeiro, 1937, p. 32-34, jan./fev. 1937.

MAFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

PIRES M. JUNIOR, Osmar. *A Verdadeira Historia do Vaca Brava e outras não menos verídicas*. Goiânia: Kelps/UCG, 2008.

PIRES M. JUNIOR, Osmar. *Arborização urbana e qualidade de vida: classificação dos espaços livres e áreas verdes*. Goiânia: Kelps/UCG, 2007